

Os gêneros do discurso

Como nos comunicamos? À primeira vista, essa parece ser uma pergunta simples, pois para nos comunicarmos utilizamos a linguagem, seja ela verbal ou não verbal. Mas será que isso responde a nossa questão? Afinal, usamos a linguagem da mesma forma nas diferentes situações de comunicação que vivenciamos a todo tempo?

A resposta é não. Se pararmos para pensar veremos que, mesmo sem perceber, ao nos comunicarmos, em diferentes situações, usamos a linguagem de forma diferente, ou seja, a adaptamos à situação e às pessoas envolvidas na conversa. Por exemplo, em casa conversamos com nossa família de uma forma, mas se estamos em um órgão público, como um tribunal, e precisamos nos dirigir ao juiz não falamos da mesma forma que falamos com a nossa família. Nas duas situações há comunicação, utilizamos a linguagem, porém, de forma diferente. Por que isso ocorre?

De acordo com o filósofo russo Mikhail Bakhtin, que foi um

estudioso das questões relacionadas à linguagem e seu uso, essa adaptação que fazemos mesmo sem perceber ocorre justamente por conta das diferentes situações de comunicação e das pessoas envolvidas nessas situações. Esses elementos, que não estão 'dentro' da linguagem, mas são parte importante dela, Bakhtin denomina de gêneros do discurso. Os gêneros estão presentes na sociedade e, nessa perspectiva, toda a comunicação humana se dá através

“Os gêneros estão presentes na sociedade e, nessa perspectiva, toda a comunicação humana se dá através deles.”

deles. Os gêneros do discurso são criados, recriados ou substituídos de acordo com os usos que fazemos deles.

Se toda comunicação se dá através dos gêneros é fácil supor que existem muitos gêneros, já que são inúmeras as situações de comunicação na sociedade. Podemos, apenas por motivos didáticos, dividi-los em gêneros orais (conversa, telefonema, palestra, discurso, anedota, etc.)

e gêneros escritos (notícia, email, ofício, relatório, tese, etc.). O uso dos gêneros escritos segue a mesma lógica dos gêneros orais: em diferentes situações adaptamos nossa escrita ao gênero em uso. Por exemplo: se o médico nos receita um remédio, sabemos que ao lermos a bula encontraremos ali informações sobre esse remédio, sua composição, modo de ingerir, etc. Porém, se nosso chefe solicita um relatório para saber sobre o desenvolvimento do trabalho,

certamente teremos que escrever de outra forma, diferente daquela utilizada para escrever a bula de remédio.

Os gêneros não são estáticos, ou seja, sua forma pode mudar. Eles podem ser inicialmente escritos e depois oralizados, ou inicialmente orais e posteriormente transcritos, como por exemplo, o gênero entrevista.

A entrevista pode ser

produzida para um telejornal, nesse caso assistiremos a uma entrevista oral. Ela pode também ser encontrada na forma escrita em veículos de comunicação como este, o jornal impresso. Aqui temos um gênero que foi produzido inicialmente na forma oral e depois adaptado para ser publicado no jornal.

A maioria dos gêneros presentes no jornal tem como finalidade a informação. Na entrevista temos uma situação de interação entre duas ou mais pessoas (o entrevistador e o entrevistado) em que o entrevistador faz perguntas para que o entrevistado relate suas experiências e conhecimentos acerca de um determinado assunto.

Como vemos, o gênero entrevista possui características próprias, socialmente reconhecidas e que determinam, por assim dizer, o uso que os sujeitos fazem da linguagem, quando seu objetivo é produzir uma entrevista, seja ela oral ou escrita.

por Joice Eloi Guimarães

Prof.^a Mestre em Educação (PQLP/CAPES)

Luís Costa e a Língua Portuguesa no Timor-Leste



para poderem ensinar conhecimento aos timorenses quando deveriam, a partir do conhecimento do português, desenvolver cada vez mais sua língua, sua cultura, sua história e saber mais o porquê e quem são os timorenses. Mas, não, eles introduzem programas para mudar a mentalidade do timorense, quando deveriam fazer programas que desenvolvam a mentalidade e a capacidade do timorense de aprender a ser, aprender a viver, viver na tolerância, aprender a conviver e, sobretudo, aprender a aprender.

Acho que isso é o que faz falta, porque muitas vezes falam que os timorenses têm que mudar de

Este é um fragmento da entrevista realizada com o escritor e dicionarista timorense Luís Costa pelo Programa de Qualificação de Docentes e Ensino de Língua Portuguesa no Timor-Leste (PQLP), na cidade de Díli, no dia 02 de setembro de 2014. Em suas palavras, o professor lança seu olhar crítico sobre a implementação da língua portuguesa no país.

Márcia Cavalcante - Que avaliação você faz da língua portuguesa em Timor-Leste em 2003 e em 2014?

Luís Costa - Eu vejo que a diferença não é muita, a evolução não é muita. Podemos dizer que em 2003 havia poucos timorenses com capacidade e competência de ensinar em português. Hoje já há mais, no entanto, vejo que os programas portugueses e, talvez, brasileiros, muitas vezes, não são adequados à realidade timorense. Trazem esses programas de Portugal

mentalidade, acho que não temos que mudar a mentalidade, temos que enriquecer nossa mentalidade para a realidade global de hoje, mas sem sair da nossa realidade. Creio que é isso, para aprender o português, o timorense tem que pensar nisso, que a língua portuguesa hoje, mais do que nunca, liga o Timor ao mundo. Liga à Europa através de Portugal, à América através do Brasil e à África através dos países que lá estão. Portanto, é o mundo globalizado e o Timor vai ser um país único com essa capacidade. Se entrar na ASEAN (Associação de Nações do Sudeste Asiático), vai fazer com que a ASEAN entre no mundo lusófono. Essa é uma realidade que ninguém pode negar, só que muitas vezes os políticos não falam dessa realidade para a população, para assumir que o português é importante para a afirmação da nação Timor, da identidade timorense, de ser timorense como uma entidade que

marca a diferença entre o australiano e o indonésio.

Márcia Cavalcante - Na sua opinião, a escolha da língua portuguesa como língua oficial do Timor-Leste ainda é um tema polêmico?

Luís Costa - Eu acho que neste momento já não, porque os timorenses já começaram a ver ou esqueceram-se um pouco daquilo que levou os jovens a levantarem questões. Por que é que levantaram questões no início? Porque os políticos quando optaram pelo português como língua oficial, optaram apenas na reunião dos líderes, a maioria estava no exterior e outros estavam aqui no interior e decidiram assumir o português como língua oficial. E então os jovens que contestaram na altura não é porque não gostassem de português, mas porque os políticos não os consultaram sobre essa opção. Essa é a realidade, muitas vezes não querem dizer, mas é a realidade. Mas depois, com o andar dos tempos, eles começaram a ver que o português é importante, porque tem uma ligação histórica e cultural muito grande com a realidade timorense e ninguém pode negar isso.

Márcia Cavalcante - Você fez parte, de alguma forma, desse processo de escolha da língua portuguesa?

Luís Costa - Não, eu não fazia parte, eu só trabalhei até o Referendo, no Comitê da FRETILIN como elemento divulgador e dinamizador da resistência timorense no exterior. Nós não fomos consultados porque nós não éramos políticos, éramos apenas um comitê de atividades dinâmicas da resistência. Nem consultaram outras pessoas que estiveram envolvidas na resistência. Só foi um grupo de líderes da FRETILIN.

Márcia Cavalcante - Quais seriam as suas sugestões para a solidificação da língua portuguesa em Timor-Leste?

Luís Costa - Eu acho que, em primeiro lugar, nós tínhamos que optar por uma nova forma de encarar o ensino de língua portuguesa em Timor. Acho que esta é a primeira coisa a fazer. É como ensinar? Eu aprendi muito com o trabalho do Banco Mundial no Ministério da Educação e, talvez, ensinar levando as crianças e mesmo os adultos a saber ouvir, saber escutar um ao outro, é o que muitas vezes falta. Depois, saber falar e expressar suas ideias e seus sentimentos com a língua portuguesa. Depois, saber ler e incentivar a criança a ler. Ouvir, aí falta uma coisa muito grave, a televisão de Timor-Leste só transmite noticiário, só é meia hora ou menos que fala em português. Portanto, saber falar e depois, por fim, saber escrever, talvez se adaptar e ir mais ao âmbito da questão que é conhecer mais Timor, conhecer sua realidade, sua cultura, quem são eles, donde é que vieram, porque é que estão aqui, porque é que hoje Timor é Timor e não subjugada pela Indonésia e nem pela Austrália. Talvez isso, acho que mudar um pouco a metodologia de ensinar o português e depois preparar melhor os recursos humanos dos professores timorenses. Acho que isso ainda faz falta, precisamos muito. E também eu diria que as universidades não trabalham para divulgar ou fazer propagandas estatísticas de muitos canudos, mas formam gente com capacidade, competência e habilidade para a vida.

Texto transcrito e adaptado do vídeo "Entrevista com Luís Costa (Parte II). Assista a entrevista na íntegra disponível no site www.pqlp.pro.br.